

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA SAÚDE E AMBIENTE: A VOZ DOS ATINGIDOS POR BARRAGEM – Elaine Regina Branco¹ / Raul Borges Guimarães² – FCT/ UNESP

A construção da barragem Engenheiro Sérgio Motta, no município de Presidente Epitácio, implicou na expropriação destrutiva das condições de existência dos sujeitos que habitavam as margens do Rio Paraná, o que representou uma violência simbólica, afetando o patrimônio cultural do grupo. O presente trabalho procurou dar voz aos sujeitos ancorado em memórias e depoimentos, procurando-se identificar o significado destas transformações para a saúde e o ambiente dos atingidos pela barragem, uma vez que a Companhia Energética de São Paulo – responsável pela obra - tende a obscurecer essa versão. Na inexistência da paisagem da memória – ela foi derrubada por tratores e, logo após, inundada pelas águas do rio Paraná - utilizamos procedimentos técnicos da pesquisa qualitativa, elaborando-se narrativas com as representações sociais do grupo, a partir de dados coletados em entrevistas abertas. Para isto, o conceito de memória coletiva foi fundamental, compreendida enquanto o passado remoto implícito no inconsciente e que reflete na vida atual e futura dos indivíduos. Afinal, as lembranças pessoais resistem a uma outra história, e que de certa forma exclui das primeiras o sentido, a transparência e o ponto de vista de outros atores sociais envolvidos. O engajamento da população na produção desses conhecimentos, seja com sua memória, ou com informações precisas que sua experiência tenha lhe proporcionado, ou ainda como guia de campo e como co-participante no esforço da pesquisa, permitiu uma análise a partir da teoria das representações sociais, tendo como principal referência a abordagem adotada por Henri Lefèbvre, quando considera que o passado se esclarece via palavras e gestos, trazendo o ausente ao presente, ou seja, a saúde e o ambiente que se tinha num outro tempo representada por palavras que a torna presente e ausente ao mesmo tempo. O estudo destas representações é a base para compreendermos os impactos nas condições de saúde e do ambiente deste grupo, uma vez que “lá”, é o lugar idealizado, onde “tudo dava” e “era bem melhor” e “aqui” e “cá” é o lugar da ausência da qualidade de vida, do rio, da pesca, do sentido da essência e existência do grupo. O lugar geográfico, neste caso, é entendido enquanto articulador das questões cruciais para a compreensão da vida humana e sua relação com o ambiente cada vez mais fragmentado e globalizado. O lugar propicia uma luta para colocarmos os sujeitos atingidos por barragem como sujeitos (em lugar de objetos) da história e da

¹ Autora

espacialidade. O “lá” é o lugar de onde saíram e não podem, nem poderão jamais voltar. É neste lugar, o “lá”, que encontravam a harmonia de existir. É “lá” que tinha a terra onde “tudo dava”, é onde o “marido chorou que nem criança para sair”. “Aqui” e “cá” é a agrovila para onde foram levados. Lugar que recomeçaram suas vidas. Lugar que perdem autonomia, precisam de cesta básica ou crédito para comprar um boi para sobreviverem. É o lugar onde a casa lhes é estranha e não queriam entrar. Lugar onde perdem a auto-estima. Este lugar passou a aparecer com suas existências, uma vez que, ali era um lugar que não aparecia por não ter uma função social. É ali que construíram novamente suas existências e junto a elas a existência daquele lugar que poderá vir a ser um lugar, jamais igual ao de onde foram arrancados, mas um lugar de resistência social e cultural do grupo.

² Orientador